

# ENTRE ESPAÇO E INFÂNCIA: DIRETRIZES ARQUITETÔNICAS PARA ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM MACEIÓ COM INSPIRAÇÃO NA PEDAGOGIA REGGIO EMILIA

## BETWEEN SPACE AND LEARNING: ARCHITECTURAL GUIDELINES FOR EARLY CHILDHOOD SCHOOLS IN MACEIÓ INSPIRED BY THE REGGIO EMILIA PEDAGOGY

TEIXEIRA, FERNANDA MARTINS GONÇALVES<sup>1</sup>; CAVALCANTE, MORGANA MARIA PITTA DUARTE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestre, Universidade Federal de Alagoas, fernandamartins.ufal@hotmail.com;

<sup>2</sup>Doutora, Universidade Federal de Alagoas, morgana.duarte@fau.ufal.br.

### RESUMO

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado em Arquitetura e Urbanismo, com foco na escola de educação infantil como equipamento urbano capaz de estruturar a vida cotidiana em territórios. A pesquisa parte dos princípios da Pedagogia Reggio Emilia, que reconhece a criança como sujeito de direitos e o ambiente como um terceiro educador, promovendo espaços que estimulam a autonomia, a criatividade e a participação das crianças na educação infantil. A investigação analisa como esses princípios podem ser adaptados ao contexto social, cultural e climático do Nordeste brasileiro, buscando contribuir para a construção de ambientes mais humanizados e sensíveis às infâncias locais. Com base em experiências desenvolvidas em uma escola da cidade de Maceió – AL, o estudo propõe diretrizes projetuais voltadas à valorização da natureza e da escuta das crianças, entendendo a escola como lugar de pertencimento afetivo e comunitário. Como metodologia, foram utilizadas ferramentas de análise sensorial, como o walkthrough e mapa comportamental, que permitiram observar os usos do espaço e propor recomendações de projeto. Ao articular os campos do urbanismo, da educação e da infância, o artigo busca contribuir para o planejamento de espaços educativos que não apenas acolham, mas também fortaleçam a identidade das comunidades onde estão inseridos.

**Palavras-chave:** Território educacional; arquitetura escolar; educação infantil; espaços educativos.

### ABSTRACT

This article presents a segment of a master's research in Architecture and Urbanism, focusing on early childhood education schools as urban facilities capable of structuring daily life within territories. The research is based on the principles of the Reggio Emilia pedagogy, which recognizes the child as a rights-holder and the environment as a third educator, promoting spaces that foster autonomy, creativity, and participation in early childhood education. The study analyzes how these principles can be adapted to the social, cultural, and climatic context of Northeast Brazil, contributing to the creation of more humanized and sensitive environments for local childhoods. Drawing from experiences developed in a school in Maceió – AL, the research proposes design guidelines centered on valuing nature and listening to children, understanding the school as a place of affective and community belonging. Methodologically, sensory analysis tools such as walkthroughs, behavioral mapping, and discovery matrices were used to observe space usage and propose design recommendations. By articulating urbanism, education, and childhood fields, the article aims to contribute to planning educational spaces that not only welcome but also strengthen the identity of the communities where they are located.

**Key-words:** Educational territory; school architecture; early childhood education; educational spaces.

## INTRODUÇÃO

A educação infantil ocupa um espaço fundamental tanto no campo da educação quanto no do urbanismo e da arquitetura, especialmente quando se entende a escola como um equipamento urbano que pode estruturar a vida cotidiana e fortalecer o sentido de pertencimento em uma comunidade. Pensando nisso, este artigo traz um recorte de uma pesquisa de mestrado que investiga como os princípios da Pedagogia Reggio Emilia, reconhecida por valorizar a criança como sujeito de direitos e o ambiente como “terceiro educador” (Edwards; Gandini; Forman, 2012), podem inspirar o projeto de escolas de educação infantil no Nordeste brasileiro, com destaque para a cidade de Maceió – AL. De acordo com a pedagoga e filósofa Weisz (2019), em seus estudos sobre o ambiente escolar, é essencial que o espaço seja projetado para favorecer a aprendizagem ativa e colaborativa, com áreas flexíveis que incentivem a interação e a criatividade.

O objetivo central do estudo é refletir sobre como a arquitetura escolar pode contribuir para o processo formativo das crianças, estimulando a autonomia, a criatividade e a participação ativa no ambiente escolar, conforme proposto por Malaguzzi (1994). Para isso, a pesquisa propõe diretrizes projetuais alinhadas ao contexto social, cultural e climático local, que valorizem a natureza e a escuta das crianças como elementos centrais do projeto.

Como base para a análise, foi escolhido um espaço de educação infantil localizado na cidade de Maceió, que atende majoritariamente crianças de até seis anos em período integral. Instalado em uma edificação originalmente residencial, o local passou por adaptações espaciais para atender à demanda crescente de famílias que buscavam uma proposta pedagógica diferenciada, voltada ao brincar livre, à autonomia e ao vínculo afetivo. Para preservar a identidade da instituição e de seus sujeitos, optou-se por manter o anonimato ao longo do trabalho.

A metodologia adotada envolve uma análise qualitativa e sensorial do espaço físico de uma escola de educação infantil, utilizando ferramentas como walkthrough e mapa comportamental para observar as interações das crianças com o ambiente, buscando identificar oportunidades para tornar o espaço mais humanizado e acolhedor. Segundo Weisz (2019), o ambiente escolar deve ser pensado para favorecer a aprendizagem ativa

e colaborativa, com espaços flexíveis que estimulem a criatividade e o convívio.

Este artigo está organizado em três partes: a primeira apresenta o referencial teórico que aborda a Pedagogia Reggio Emilia e suas contribuições para a arquitetura; a segunda detalha a metodologia da avaliação espacial aplicada; a terceira discute os resultados obtidos e propõe diretrizes para o desenho de espaços educativos que dialoguem com as infâncias locais, fortalecendo o vínculo entre escola, território e comunidade.

Dentro deste contexto, este trabalho busca contribuir para a área de pesquisa em Arquitetura e Educação. Para isso, foram estabelecidos como objetivo geral investigar o que a pedagogia Reggio Emilia aborda que tenha incidência no espaço físico e a partir disso propor diretrizes de projeto para escolas de educação infantil em Maceió-Alagoas. Entre os objetivos específicos, refletir sobre as contribuições da arquitetura escolar para o processo formativo na infância a partir da metodologia de Reggio Emilia; Aprofundar a noção de arquitetura para educação a partir da pedagogia Reggio Emilia, estabelecendo nexos entre a Arquitetura e Educação, colaborando assim para a construção de um conceito humanizado entre ambos e fazer uma avaliação espacial em uma escola de educação infantil em Maceió.

## DESENVOLVIMENTO

### Um breve relato sobre a infância e a educação

O século XX é marcado pela evolução da educação. A busca por projetos humanizados, ligados ao contexto de estabilidade e individualidade dos usuários, traz propostas contínuas de inovação no campo da construção escolar. Partindo especificamente para a educação infantil, Goldschmied e Jackson (2006) afirmam que a falta de políticas consistentes para a educação na primeira infância durante grande parte do século XX impôs quase todo o peso da formação da próxima geração aos pais jovens, que enfrentavam condições sociais que geravam elevados níveis de estresse.

A edificação escolar é um equipamento de significativa importância no contexto social, cultural e econômico de um país (Funari; Kowaltowski, 2005). Sendo muito mais do que um simples local de ensino, ela repre-



senta um espaço de formação integral dos indivíduos, contribuindo para a construção de valores, identidades e conhecimentos que impactam diretamente no desenvolvimento social e econômico da sociedade.

Do ponto de vista social, a escola é um ambiente de convivência e interação, onde as crianças aprendem a lidar com a diversidade e a construir laços comunitários. Culturalmente, a edificação escolar reflete e transmite as tradições e práticas culturais de uma sociedade, sendo também um ponto de disseminação de novas ideias e tendências. No aspecto econômico, o investimento em uma educação de qualidade, proporcionada por escolas bem estruturadas, é crucial para o fortalecimento do capital humano, preparando as futuras gerações para os desafios e contribuindo para o crescimento de uma nação. Portanto, a arquitetura escolar não deve ser vista apenas como um elemento funcional, mas como um catalisador de transformações sociais e culturais que reverberam no desenvolvimento de um país (Kowaltowski, 2011).

### **Apresentando Reggio Emília e sua metodologia**

Goldschmied e Jackson (2006) relatam que o movimento de unificação nacional italiano no século XIX levou a uma maior centralização do sistema educacional sob o controle do Estado. Isso levou ao estabelecimento de um sistema educacional público em todo o país. No entanto, a Igreja Católica ainda tinha um grande impacto em muitas partes da sociedade italiana e sua presença na educação ainda era sentida em algumas regiões. Ainda em Goldschmied e Jackson (2006) foi relatado que na Segunda Guerra Mundial, a cidade italiana de Villa Cella se viu enfrentando diversos problemas referentes à destruição em massa ocasionada pelos bombardeios.

Após a Segunda Guerra Mundial, em meio à reconstrução social, um grupo de pais, educadores e moradores da região de Reggio Emilia criou uma escola infantil em terreno doado por um fazendeiro. A iniciativa atraiu o jovem educador Loris Malaguzzi, que passou a colaborar com o grupo e consolidou os princípios da abordagem. Esse movimento surgiu como alternativa à educação controlada pela Igreja Católica, dominante na época (Edwards; Gandini; Forman, 2016).

Edwards, Gandini e Forman (2016) relatam que em 1951 foi formado por pais e educadores o Movimento de Educação Cooperativa (MCE) que tinha como líder, Bruno Ciari, educador e que acreditava que uma socie-

dade mais justa e igualitária se dava a partir da educação para a primeira infância. Loris Malaguzzi, psicólogo e pedagogo por formação, participava ativamente dessas reuniões. A primeira escola foi construída com dinheiro e ajuda dos moradores. Desta forma, inspirando novas escolas na periferia que foram sendo construídas

Edwards, Gandini e Forman (2016) citam que as escolas começaram a ser colocadas em local de destaque nos bairros, onde a vida das crianças e dos professores são um ponto de referência visível para a comunidade. Neste ponto, também cabe destacar que há uma preocupação coletiva para que a comunidade adotasse a responsabilidade das escolas como parte de um plano urbano.

Para este artigo, é fundamental destacar que o objetivo não é replicar os ensinamentos de Reggio Emilia, mas utilizá-los como uma fonte de inspiração para valorizar as potencialidades presentes no Brasil. Ao realizar um levantamento histórico sobre as pedagogias que consideram a importância dos espaços físicos no contexto brasileiro, observa-se uma lacuna significativa.

A escolha pela Pedagogia Reggio Emilia se justifica, principalmente, pela forma como essa abordagem compreende a criança e o espaço educativo. Reggio Emilia parte da concepção de que a criança é protagonista do próprio aprendizado e, nesse sentido, valoriza intensamente o ambiente como um terceiro educador, ao lado dos professores e das famílias (nesse ponto, discordamos que só temos três educadores, pois a educação se faz com a criança e outros fatores também).

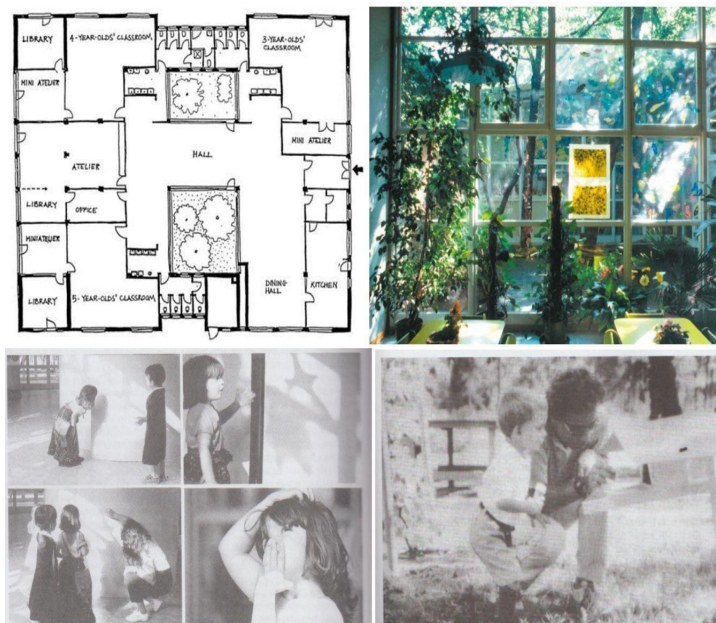
Além disso, a inspiração na abordagem Reggio Emilia (Figura 1) se mostra pertinente ao propor uma resignificação do papel dos espaços físicos nas escolas de educação infantil, não como meros suportes funcionais, mas como dispositivos ativos no processo de construção do conhecimento. Ao considerar elementos como iluminação natural, materiais orgânicos, visibilidade entre ambientes e organização flexível, a pedagogia reggiana propõe um modelo espacial que estimula a curiosidade, a autonomia e o diálogo das crianças com o entorno.

Essa abordagem parte do princípio de que a criança é um sujeito potente, competente e protagonista do seu próprio aprendizado. O educador não assume uma posição centralizadora, mas atua como mediador atento e pesquisador constante do processo de desenvolvimento infantil. A es-

cuta sensível e o respeito aos tempos da criança são fundamentos que orientam não apenas a prática pedagógica, mas também as decisões sobre como o espaço será configurado para acolher e provocar experiências significativas.

**Figura 1** - Espaços de Aprendizagem em Reggio Emilia

Fonte: Ceppi; Zini (2013); Edwards; Gandini; Forman (2016)



Tal proposta pode convergir com os princípios do Plano Nacional de Educação (PNE), que estabelece metas para a ampliação da oferta de educação infantil com qualidade, além de incentivar práticas pedagógicas inovadoras e contextualmente adequadas. Especialmente no Nordeste brasileiro, onde há profundas desigualdades históricas e territoriais, pensar espaços mais humanos, integrados com a cultura local e abertos à diversidade torna-se uma estratégia de resistência e valorização da infância

### Parâmetros de Avaliação espacial

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi necessário buscar parâmetros de avaliação espacial inspirados na Pedagogia Reggio Emilia, adaptando ao contexto das instituições de educação infantil no Nordeste do Brasil. A proposta é transformar o ambiente escolar em um espaço acessível, acolhedor e adequado ao desenvolvimento das atividades escolares, e o relacionamento entre crianças, educadores e o espaço.

A escolha da abordagem Reggio Emilia se deu por seu olhar atento aos aspectos arquitetônicos, que oferecem diretrizes que favorecem o de-



envolvimento infantil. A partir da leitura do livro de Ceppi e Zini (2013), que explora como os elementos do projeto influenciam a qualidade dos ambientes, e da obra de Simon Unwin, que discute os elementos modificadores da arquitetura, foram definidos os principais parâmetros (Quadro 1) utilizados na análise espacial realizada neste estudo.

**Quadro 1** - Parâmetros para o desenvolvimento das diretrizes

Fonte: Teixeira (2025)

Parâmetro Escolhido	Justificativa da Escolha
Horizontalidade	Favorece a inclusão e a acessibilidade, promove ambientes democráticos, elimina hierarquias espaciais e valoriza a interação entre crianças e adultos.
Piazza Central	Espaço de convivência que favorece a comunicação, a criatividade e a interação entre as crianças; deve ser pensado como ambiente de qualidade e não apenas recreativo.
Relação Interior–Exterior	Permite a aprendizagem contínua a partir das experiências cotidianas e da observação da natureza e do ambiente urbano.
Transparência e Comunicação	Promove integração visual entre espaços, estimula a curiosidade e facilita a comunicação e o sentimento de pertencimento entre os usuários.
Odores / Cheiro	Contribui para a identidade do lugar e estimula a percepção sensorial; a presença de elementos naturais reforça a vivência e a memória espacial.
Sons	O controle e a qualidade acústica impactam diretamente na concentração e no bem-estar das crianças; a escuta torna-se um elemento ativo de aprendizagem.
Luz (natural e artificial)	A iluminação adequada estimula os sentidos, contribui para o conforto e favorece o desenvolvimento pedagógico e emocional das crianças.
Cor, Textura e Materiais	Estimulam o tato e ampliam as experiências sensoriais; promovem a exploração e ajudam na construção de vínculos com o espaço.
Microclima	Elemento essencial para o bem-estar e permanência das crianças; envolve fatores como temperatura, umidade, ventilação e luz natural como parte ativa do projeto pedagógico.

## Visita guiada

A visita guiada, ou walkthrough, é uma ferramenta importante para o reconhecimento do espaço. Rheingantz et al. (2009) destacam que essa ferramenta se caracteriza como um percurso dialogado por todos os ambientes, sendo complementados por registros como fotografias, cro-

quis, áudios e vídeos, o que permite aos observadores maior familiaridade com a edificação, sua construção, conservação e formas de uso.

Durante a visita guiada, algumas crianças questionavam o que eu estava fazendo, corroborando com que cita Hoyuelos sobre a temática “as perguntas são uma espécie de óculos que nos permitem enxergar de determinada maneira, compreender em determinado sentido, a partir de um ponto de vista” (Hoyuelos, 2019, p. 33) e a partir desses questionamentos um diálogo rico aconteceu e toda a dinâmica da casa ficou mais clara a partir do ponto de vista das crianças.

O espaço de educação infantil definido para análise, fica situado em uma esquina cercada por escolas verticais e residências, destaca-se por sua arquitetura horizontal. Sua entrada possui rampas acessíveis, pilares coloridos e vegetação aromática, evidencia um ambiente que convida ao pertencimento e à experiência sensorial. A varanda frontal (Figura 2), embora agradável, ainda carece de mobiliário que estimule o brincar. A presença das crianças em uso ativo do ambiente demonstra seu potencial como cenário para o desenvolvimento do ócio criativo e da autonomia infantil.

**Figura 2** - Varanda frontal  
Fonte: Teixeira (2025)

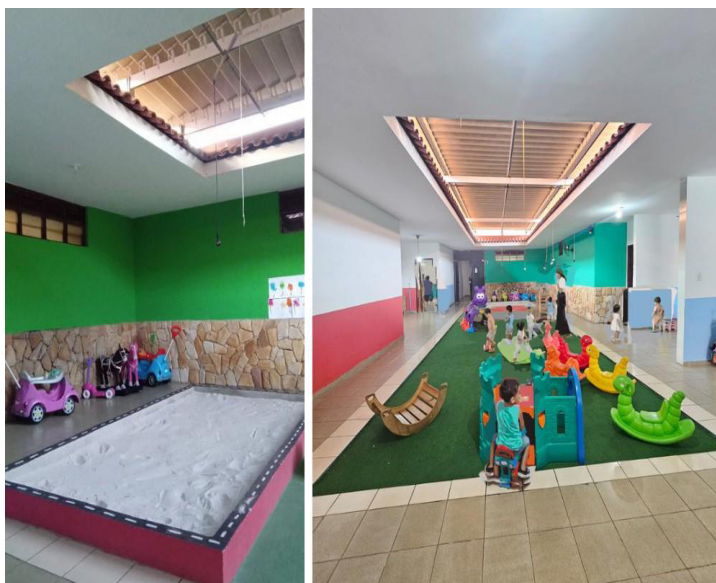


O pátio central (Figura 3) funciona como uma piazza, onde vínculos se formam entre crianças, famílias e educadores. Outro elemento marcante é a caixa de areia que se destaca por não oferecer brinquedos prontos,



permitindo que as crianças reinventem o uso dos objetos e tornem o espaço significativo, conforme a abordagem de Reggio Emilia. Os brises no pátio também revelam uma arquitetura sensível ao clima, que transforma a luz em aliada da aprendizagem e garante flexibilidade de uso em diferentes condições.

**Figura 3** - Pátio Central  
Fonte: Teixeira (2025)



As referências da (Figura 4) mostram um esforço de organização e funcionalidade, com janelas que favorecem a ventilação e a luz natural, banheiros privativos e mobiliário adequado à ergonomia infantil. No entanto, a falta de transparência entre os ambientes compromete uma maior integração visual e fluidez espacial. A área de socialização e seus acessos à parte externa, com uso de cobogós e materiais que equilibram contenção e abertura, ampliam as possibilidades de interação com o ambiente.

**Figura 4** - Salas de referência  
Fonte: Teixeira (2025)



O quintal (Figura 5), com árvores frutíferas plantadas coletivamente, apresenta a potência simbólica do espaço ao transformar ações cotidianas em memórias afetivas compartilhadas por toda a comunidade escolar. As reformas recentes trouxeram novos equipamentos de lazer, como parques e áreas para pintura, mas a ausência de vegetação em algumas dessas zonas revela um desafio ainda presente. A cozinha, por sua vez, embora funcional, se destaca por ser também um espaço de autonomia e de relações horizontais entre adultos e crianças.

**Figura 5** - Árvores frutíferas  
Fonte: Teixeira (2025)



## Mapa comportamental

Foi elaborado um mapa comportamental (Figura 6) a partir da observação direta do uso do espaço escolar pelos usuários. Assim, as informações foram registradas sobre a planta baixa, indicando não apenas os trajetos e permanências, mas também os horários correspondentes às observações realizadas nos turnos da manhã e da tarde, conforme a legenda indicada.

Esses mapas possibilitam identificar os períodos de maior fluxo e as áreas mais utilizadas ao longo do dia. Além disso, contribuem para a análise da relação entre a ocupação do espaço, os equipamentos disponíveis e as características físicas do ambiente, fornecendo subsídios importantes para o aprimoramento do projeto arquitetônico.



**Figura 6** - Mapa comportamental  
Fonte: Teixeira (2025)



No período da manhã, as áreas destinadas às atividades livres são distribuídas por todo o terreno, e não apenas no parque de areia, localizado à direita, onde recebe maior incidência solar. Para reduzir esse impacto, a escola adotou a estratégia de plantar uma árvore, que no futuro oferecerá sombra adequada.

No turno da tarde, algumas crianças que frequentam o contraturno escolar, ocupam a varanda da sala do berçário e a varanda ao lado da entrada para momentos de ócio, atividade essencial para o desenvolvimento da criatividade e o descanso mental. Observou-se que, em certos momentos, elas expressavam o desejo de simplesmente deitar no chão 'sem fazer nada', enquanto compartilhavam experiências do dia na escola ou planejavam o fim de semana.

Promover um fluxo mais livre entre esses espaços e ampliar a variedade de experiências oferecidas, seria um caminho para fomentar interações mais plurais, dinâmicas e potentes no contexto da educação infantil.

## Diretrizes projetuais

A visita guiada possibilitou uma leitura sensível e qualitativa dos espaços, permitindo compreender como a arquitetura escolar é vivenciada pelas crianças em sua rotina cotidiana, enquanto o mapa comportamental ofereceu uma análise quantitativa e sistemática dos fluxos e permanências ao longo do dia. Ao articular essas duas ferramentas, foi possível relacionar as percepções empíricas: como a apropriação espontânea



de varandas, pátios e quintais com os parâmetros previamente estabelecidos, como a horizontalidade, a piazza central, relação interior–exterior e microclima.

Essa integração revelou os potenciais pedagógicos e afetivos presentes nos ambientes, além das fragilidades que podem ser aprimoradas por meio de diretrizes projetuais mais sensíveis à autonomia, ao bem-estar e à diversidade de experiências infantis.

Com base nos parâmetros de avaliação apresentados anteriormente, foram desenvolvidas diretrizes projetuais (Quadro 2) específicas para edificações escolares destinadas à primeira infância no contexto de Maceió-AL. Essas diretrizes foram organizadas em uma tabela, com o objetivo de orientar futuras propostas arquitetônicas que estejam em sintonia com as necessidades das crianças, valorizando as particularidades culturais, climáticas e sociais da região.

**Quadro 2** - Diretrizes projetuais  
Fonte: Teixeira (2025)

Parâmetros de avaliação	Diretriz Construtiva	Diretriz de Conforto Ambiental
Horizontalidade	Projetar edificações térreas ou com desníveis suaves e rampas, promovendo acessibilidade e autonomia das crianças.	Facilita o deslocamento, favorece a circulação de ar quente e se adapta ao clima quente do Nordeste.
Piazza Central	Criar espaço amplo e central que articule ambientes escolares com mobiliário flexível e vegetação.	Proporciona ventilação cruzada, iluminação natural e favorece o senso de pertencimento e convivência.
Transparência e Comunicação / Relação interior–exterior	Utilizar cobogós, painéis translúcidos ou aberturas amplas para conectar visualmente ambientes internos e externos.	Estimula a continuidade espacial, favorece a entrada de luz e ventilação natural, além da interação visual com o entorno.
Odores / Cheiro	Integrar jardins aromáticos com plantas nativas e utilizar materiais naturais.	Melhora a qualidade do ar, favorece a ventilação cruzada e enriquece a experiência sensorial do ambiente.
Som	Prever áreas de lazer e salas com materiais que absorvam sons (como pisos emborrachados e forros acústicos).	Reduz ruídos excessivos, melhora o conforto acústico e favorece a concentração e o bem-estar.
Luz	Implantar grandes aberturas, venezianas, coberturas translúcidas e elementos como cobogós.	Controla a incidência solar, garante iluminação natural ao longo do dia e melhora o conforto visual e térmico.

Cor	Utilizar cores quentes e terrosas inspiradas na cultura local em ambientes e mobiliário.	Estimula a criatividade, afeto e identidade cultural, promovendo ambientes mais acolhedores e vivos.
Texturas e Materiais	Empregar materiais locais e sustentáveis com variedade tátil, como madeira, barro e mosaicos.	Enriquece a percepção sensorial, favorece o contato com a cultura local e proporciona conforto térmico e visual.
Microclima	Incorporar brises, beirais e vegetação nativa ao projeto arquitetônico.	Promove sombreamento, ventilação cruzada e conforto térmico adaptado ao clima quente e úmido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inspiração na Pedagogia Reggio Emilia despertou um profundo interesse pela arquitetura escolar voltada para a educação infantil, revelando a importância de respeitar as especificidades locais e evitar réplicas mecânicas da proposta original italiana. A pesquisa buscou compreender como o espaço pode ser um agente ativo no processo educativo, valorizando a interação, a criatividade e a autonomia das crianças. Para isso, foi fundamental uma avaliação sensorial e crítica da escola analisada em Maceió, considerando as características sociais, culturais e climáticas da região.

O estudo evidenciou, a partir da visita guiada e do mapa comportamental, que elementos como a piazza central e o quintal com árvores frutíferas constituem espaços potentes de convivência, favorecendo vínculos comunitários e memórias afetivas compartilhadas. Também se verificou que a horizontalidade da edificação e a presença de rampas acessíveis ampliam a autonomia das crianças, ao passo que a falta de transparência entre alguns ambientes ainda limita a integração visual e a fluidez espacial. A observação dos fluxos revelou ainda que o microclima exerce forte influência na ocupação dos espaços, especialmente nos períodos de maior incidência solar, demandando soluções projetuais que ampliem o sombreamento e a ventilação natural. Tais evidências reforçam a relevância dos parâmetros de avaliação propostos e indicam caminhos concretos para a formulação de diretrizes projetuais mais sensíveis às práticas cotidianas da escola analisada.

A pesquisa reforça a necessidade de projetos escolares que priorizem a experimentação, a autonomia e o bem-estar infantil, respeitando a diversidade cultural e territorial do Brasil. Ao evitar a padronização, esses espaços podem garantir uma experiência educativa mais inclusiva e re-

presentativa, na qual cada criança se sinta segura, estimulada e reconhecida. Como dizia Malaguzzi (1999), um ambiente pensado para crianças é um bom espaço para todos que o utilizam.

Nesse sentido, espera-se que os achados desta pesquisa possam contribuir com novas reflexões no campo da arquitetura escolar. Ao reconhecer a escola como um espaço vivo, em constante construção simbólica e material, amplia-se a responsabilidade do projeto arquitetônico para além das questões técnicas, incorporando escuta, sensibilidade e compromisso ético com a infância. Que cada escola construída ou transformada possa ser, antes de tudo, um território de encontros, descobertas e pertencimento.

## REFERÊNCIAS

CEPPI, G; ZINI, M (org). **Crianças, espaços e relações:** como projetar ambientes para a educação infantil. Porto Alegre: Penso: 2013.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016.

FUNARI, T. B.; KOWALTOWSKI, D. C. Arquitetura Escolar e Avaliação Pós-Ocupação. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 2005, Maceió. **Anais [...]** Maceió: Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído - ANTAC, 2005.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. **Educação de 0 A 3 Anos:** o atendimento em creche. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HOYUELOS, A; RIERA, M. A. **Complexidade e relações na educação infantil.** São Paulo: Phorte, 121 2019.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. **O projeto do ambiente de ensino:** arquitetura escolar. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

MALAGUZZI, L. Histórias, ideias e filosofias básicas. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Orgs.). **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 1999.

RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, G; BRASILEIRO, A; ALCANTARA, D. de; QUEIROZ, M. **Observando a Qualidade do Lugar:** procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU UFRJ, 2009.



UNWIN, S. **A Análise da Arquitetura.** 3ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2013.

WEISZ, T. **O Diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** 4ª edição. São Paulo: Ática, 2019.